

## A POTENCIALIDADE DA PESQUISA BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Artur Tsuguio Ajul Matida<sup>1</sup>  
Sandra Novais Sousa<sup>2</sup>

### Eixo 1 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

**Resumo:** Este artigo possui o objetivo de analisar a potencialidade da pesquisa biográfica para se investigar a formação inicial de professores de matemática que possuem uma primeira graduação em bacharelado, por meio de entrevistas narrativas e histórias de vida. Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura, buscando apresentar o percurso histórico da pesquisa biográfica e o que a diferencia de outras perspectivas de pesquisa. Como resultados, aponta-se que, pelo fato de a pesquisa biográfica em educação trabalhar com a subjetividade dos sujeitos, a temporalidade dos fatos, em relatos escritos ou falados das vivências dos pesquisados, ela mostra-se como uma escolha que pode contribuir para compreender as motivações, anseios, expectativas ou possíveis decepções com a escolha da primeira graduação que levaram estudantes da licenciatura em matemática a buscarem uma segunda graduação. Conclui-se, a partir desse estudo de cunho bibliográfico, que é possível considerar a potencialidade da pesquisa biográfica para o estudo do objeto em questão, assim como para a investigação de outros objetos que estejam voltados à compreensão das relações educativas, em espaços escolares ou não escolares.

**Palavras-chave:** Pesquisa Biográfica; Métodos de Pesquisa em Educação; Formação de Professores; História de Vida.

### Introdução

Na história da pesquisa educacional, é possível identificar o surgimento de diversos métodos de investigação dos fenômenos educacionais, que diferem entre si, como aponta Célia Beatriz Piatti<sup>3</sup> (2024), na forma como concebem o mundo, a sociedade, a formação humana e o fenômeno educativo, sendo ele escolar ou não.

Com base nisso, este artigo visa analisar a potencialidade da pesquisa biográfica em educação para a investigação da formação inicial de professores de matemática que estão cursando uma segunda graduação, sendo este o objeto da pesquisa, em fase inicial, que o autor deste texto, sob orientação da coautora, está desenvolvendo no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Faculdade de Educação (Faed)/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A escolha da pesquisa biográfica para aproximarmos do objeto de investigação justifica-se pelo fato de que “a interpretação de cada método também se entrelaça com a formação individual do próprio pesquisador em suas interpretações e traduções intelectuais” (Piatti, 2024, p. 86). O método de pesquisa, nesse sentido, não é escolhido apenas ou unicamente por ser um

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Pesquisa Gepnaf.

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UFMS/2018). Atualmente é professora no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepnaf).

<sup>3</sup> A fim de dar visibilidade às mulheres na ciência, o nome dos autores e autoras será escrito por extenso na primeira vez em que forem citados.

método apropriado, adequado, que sirva para a compreensão do fenômeno que se quer investigar, pois o pesquisador também é uma peça fundamental nesse processo: de acordo com sua história de vida, as experiências que o marcaram e os interlocutores com quem dialoga no campo da pesquisa, verá cada método com sua própria lente, identificando aqueles com os quais mais se aproxima ou que para ele fazem mais sentido no processo da pesquisa.

O autor, que também é um estudante do curso de licenciatura em Matemática e já possui uma primeira graduação (bacharelado), teve seu primeiro contato com a pesquisa biográfica no segundo semestre de 2024, quando já havia se decidido a ingressar em um curso de mestrado em Educação. A Profa. Dra. Luciene Cléa da Silva, da Faculdade de Educação, estava ministrando uma disciplina pedagógica no curso de licenciatura em Matemática, e sugeriu, após ouvir suas dúvidas sobre como ingressar no mestrado, que procurasse a Profa. Sandra, atual orientadora, já mencionando brevemente a linha teórica e metodológica seguida pelo grupo de pesquisa liderado por ela.

À época, estava sendo realizada a 4ª Semana de Educação e Formação Docente da Faed, e os membros do Gepenaf estavam oferecendo um minicurso sobre o uso de narrativas e histórias de vida na pesquisa educacional. Depois de participar desse minicurso e conversar em particular com a professora, foi possível visualizar a possibilidade de elaborar um projeto de pesquisa que considerasse as histórias de vida como fontes de dados para análise do problema de pesquisa que, naquele momento, ainda não estava totalmente definido. Foi a partir da participação no grupo de pesquisa que o objeto foi sendo delimitado, haja vista que uma das discussões feitas no grupo é exatamente a validade de se pesquisar algo que tenha relação com a própria história de vida dos pesquisadores, que também se colocam como sujeitos de pesquisa.

Feita esta contextualização, para abordar a potencialidade da pesquisa biográfica para a investigação do referido objeto, a formação dos futuros professores de matemática, mais especificamente para os alunos que estão em sua segunda graduação, realizamos uma revisão de literatura, buscando responder à seguinte questão: “como a pesquisa biográfica em educação poderá auxiliar na compreensão sobre a formação dos futuros professores de matemática, mais especificamente daqueles que estão na segunda graduação?”

Na próxima seção, apresentamos os resultados desse estudo de cunho bibliográfico, primeiramente situando historicamente a pesquisa biográfica, e em seguida trazendo alguns dos pressupostos que a diferenciam de outras metodologias de pesquisa.

### **Quando e como surgiu a pesquisa biográfica em educação?**

A pesquisa biográfica não é uma forma de se fazer pesquisa recente. Desde o movimento que ficou conhecido como “Escola de Chicago”, iniciado em 1910 nos Estados Unidos, grupos de pesquisadores começaram a utilizar novos métodos, baseados no empirismo e com uma maior diversidade de fontes, incluindo estudos feitos a partir de histórias ou relatos de vida individuais ou de grupos com características similares.

Conforme Sandra Novais Sousa (2018, p. 42), na década de 1970 Daniel Bertaux conduz, na França, estudos com narrativas de vida, em uma perspectiva etnossociológica, e pouco depois “Franco Ferraroti lança, em 1979 (na Itália) e 1983 (na França), o livro *História e Histórias de Vida*, em que defende a autonomia do método biográfico nas Ciências Sociais.”

Já para Gaston Pineau (2006, p. 331), foi a obra *Produire sa vie: autoformation et autobiographie* (1983)”, de sua autoria, publicada em Montreal e em Paris, em 1983, que “impulsionou, para o mundo francófono, a eclosão da corrente das histórias de vida em formação.”

De fato, no percurso histórico da pesquisa biográfica, observamos na década de 1980 uma eclosão e um fortalecimento do movimento das histórias de vida, principalmente devido a alguns fatos: criação da rede “História de vida e autoformação”; realização do primeiro

simpósio internacional de pesquisa-formação em educação permanente, na Universidade de Montreal; publicação, em 1984, na revista francesa “Education Permanente”, de um número duplo intitulado *Les histoires de vie entre la recherche et la formation*; realização, em 1986, de um colóquio sobre as histórias de vida na Universidade de Tours, na França; publicação, em 1988, da obra, “O método (auto)biográfico e a formação”, de António Nóvoa e Matthias Finger (Pineau, 2006).

Ao analisar esse período, Pineau (2006) faz uma crítica velada (ou explícita) a um artigo de Pierre Bourdieu, de 1986, intitulado “A ilusão biográfica”, no qual o sociólogo faz diversas críticas a essas pesquisas, dizendo que “A história de vida é uma dessas noções do senso comum, que entraram como **contrabando** no universo científico; a princípio sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, com estardalhaço, entre os sociólogos” (Bourdieu, 1986, p. 15, grifo nosso).

Em seu texto, Gaston Pineau rebate assim os argumentos de Pierre Bourdieu:

Essas eclosões multiformes e multitópicas, tanto nos setores profissionais e faixas etárias como nas ciências humanas e sociais, foram realizadas por **contrabando, apesar do *diktat*<sup>4</sup> dos feudos científicos que, à época, as taxavam de ilusão biográfica**. Na realidade, essas práticas projetaram não apenas os 'objetos sociais' que ousaram tomar a palavra como sujeitos. Além disso, esses sujeitos falavam deles e queriam escrever suas vidas para buscar sentido nisso. Como se essa vida pudesse ter um [sentido] e como se eles - sujeitos - pudessem conhecê-lo! Inadmissível e ilusória pretensão para os doutores em ciências humanas e sociais daquela época, que pretendiam construir **um saber objetivo sem sujeito** (Pineau, 2006, p. 333, grifo nosso).

Pierre Bourdieu atingiu um importante prestígio no campo científico, pela seriedade e qualidade da forma como conduzia suas pesquisas e, sobretudo, pela importante contribuição do sociólogo, por meio da elaboração teórica de conceitos-chaves, como *habitus*, campo, capital cultural (incorporado, objetivado e institucionalizado), capital simbólico, entre outros, que ajudam a compreender a sociedade. Assim, quando ele se posicionou de forma crítica e contrária às pesquisas com histórias de vida, isso causou um impacto significativo nos pesquisadores biográficos, não somente naquele momento histórico, como até os dias atuais.

Nesse sentido, Maria da Conceição Passeggi (2014, p. 224) aponta que citações dos argumentos do autor “[...] contra o (mal) uso das histórias de vida, que encontramos em muitos artigos, dissertações e teses acadêmicas, chega a ser quase um ritual, antes de se adotar um posicionamento, seja para aceitar suas críticas, seja para se opor a elas.”

Franco Ferrarotti, sociólogo italiano contemporâneo de Pierre Bourdieu, na reedição do livro “História e Histórias de Vida”, publicado originalmente em 1979 e relançado no Brasil em 2014, pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (Biograph), afirma na epígrafe que abre essa obra: “É com prazer que constato a dissolução da ‘ilusão biográfica’ de Pierre Bourdieu”, e que, com a sua autonomia em relação a outros métodos, seria possível “[...] o método biográfico reaver os termos da relação do humano com o humano, ao mesmo tempo que o sentido profundo e a vocação social da Sociologia como elaboração científica da condição humana.”

<sup>4</sup> Maria Teresa Van Acker e Helena Coharik Chamlian, tradutoras do artigo de Gaston Pineau (2006), em nota de rodapé explicam que *diktat* é uma palavra alemã utilizada usualmente para expressar a ideia de ditames, normas mais rígidas ou regras.

Passado esse período denominado por Pineau (2006) como “de eclosão”, a pesquisa com histórias de vida vivencia o chamado “período de fundações”, que teve início com a criação da “*Association Internationale des Histoires de Vie en Formation – ASIHVIF*”. Essa medida, na análise do autor, foi necessária naquele momento, tanto para instaurar um movimento “coletivo e cooperativo de formação e de formalização” dos sujeitos e objetos passíveis de serem investigados por meio de histórias de vida - “análise das práticas, histórias de qual vida? De quem? Como?” (Pineau, 2006, p. 334) - como para expandir, para além do território franco-alemão, o alcance desse movimento.

A partir do início dos anos 2000, a pesquisa biográfica deixa de ficar restrita ao “fundadores” e passa por uma expansão para fora dos círculos das associações, com a contribuição de pesquisadores que Pineau (2006, p. 336) chama de “contribuidores”, formado por “[...] inúmeras pessoas e os inúmeros grupos que, fora da associação, contribuem para a utilização das histórias de vida em formação, pesquisa ou intervenção, para sua difusão e também para o seu desenvolvimento metodológico, ético e epistemológico.”

O autor exemplifica essa expansão citando um levantamento feito por Marie Christine Josso:

No final de seu livro, *La formation au coeur des récits de vie: expériences et savoirs universitaires*, Christine Josso (2000) levanta uma bibliografia de envergadura de 300 títulos de histórias de vida em formação e 400 para as ciências humanas – em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e português (Pineau, 2006, p. 336).

No Brasil, quando consultamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), encontramos um número considerável de pesquisas associando ao descritor “formação” outros descritores relacionados às pesquisas biográficas, como “narrativas” (9.975 resultados), “histórias de vida” (2.296 resultados), “biografias” (1.684 resultados) e “narrativas (auto)biográficas” (267 resultados), por exemplo, como ilustrado na figura 1.

**Figura 1 – Resultados numéricos de busca por pesquisas sobre formação que usam histórias de vida, biografias ou narrativas**



Fonte: Prints da página inicial de busca do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Utilizando os mesmos descritores, combinados adicionalmente com o descritor “professores de matemática”, obtemos, igualmente, um número expressivo de pesquisas que utilizaram, para investigar algum aspecto sobre a formação do professor de matemática, de “narrativas” (210 resultados), “histórias de vida” (34 resultados), “biografias” (30 resultados) ou “narrativas (auto)biográficas” (12 resultados), como pode ser visto na figura 2.

**Figura 2 – Resultados numéricos de busca por pesquisas sobre formação de professores de matemática que usam histórias de vida, biografias ou narrativas**



Fonte: Prints da página inicial de busca do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Apesar desse número expressivo de pesquisas, persiste no meio acadêmico, conforme bem expressa Passeggi (2014, p. 224), uma “[...] tensão, reconhecidamente polêmica, que ressoa em surdina cada vez que se empreende o desafio de recorrer a narrativas biográficas e autobiográficas, em Educação, como objeto de pesquisa e dispositivo de formação.”

Dessa forma, na próxima seção procuramos trazer ao debate quais as especificidades da pesquisa biográfica que legitimam sua utilização nas investigações sobre formação de adultos, em geral, e especificamente para a formação inicial de futuros professores que estão cursando uma segunda graduação em licenciatura em Matemática.

### **Qual o diferencial da pesquisa biográfica em relação a outros referenciais teóricos?**

Segundo Christine Delory-Momberger (2012), uma das marcas do projeto epistemológico da pesquisa biográfica é o foco na compreensão das trajetórias dos sujeitos. Em suas palavras: “O projeto fundador da pesquisa biográfica inscreve-se no quadro de uma das questões centrais da antropologia social, que é a da constituição individual: como os indivíduos se tornam indivíduos?” (Delory-Momberger, 2012, p. 523). Ou seja, para a pesquisa biográfica a constituição individual do sujeito será um ponto crucial nas pesquisas, e essa constituição é materializada, por assim dizer, em suas histórias de vida, que podem ser acessadas pelos pesquisadores por meio de entrevistas narrativas, escrita de memoriais, narrativas autobiográficas temáticas ou outros dispositivos de produção de dados.

Outra marca que a autora destaca, quando se trabalha com a pesquisa biográfica, é a junção do trabalho com a dimensão do tempo e do espaço social, especificando que a pesquisa narrativa introduz:

[...] a **temporalidade biográfica** da experiência e da existência. [...] A postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social (Delory-Momberger, 2012, p. 524, grifo da autora).

Dessa forma, compreendemos que na pesquisa biográfica em Educação é imprescindível situar no tempo e no espaço social as memórias dos sujeitos que narram suas histórias de vida. Ao rememorar acontecimentos que marcaram a sua vida, os sujeitos os ressignificam ou os interpretam à luz do que são e pensam no tempo presente, muitas vezes sem levar em consideração as singularidades e as circunstâncias históricas e sociais do momento em que vivenciaram aquela experiência. O potencial formativo e autoformativo das metodologias que usam as histórias de vida situa-se justamente nas aberturas à reflexão que o diálogo entre

pesquisador e sujeito pode suscitar. Assim, o trabalho de análise dos dados produzidos passa por essa consideração da temporalidade e das questões sociais implícitas nas narrativas, que nem sempre estão no plano consciente dos entrevistados, buscando dar visibilidade às formas singulares com que os sujeitos revisitam e interpretam, por meio de suas memórias, os fenômenos que são objeto de estudo daquela pesquisa.

Delory-Momberger (2012) explicita esse movimento ao descrever o que denomina como “atividade biográfica”, ou “[...] ‘escrita da vida’, elaboração da experiência”:

Assim, a atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia (Delory-Momberger, 2012, p. 525).

Logo, a atividade biográfica envolve não somente “escrever ou falar sobre a vida”, mas sim um esforço de compreender e estruturar a experiência. O que chamamos, na pesquisa biográfica, de “história de vida”, não designa meramente “a realidade factual do vivido” ou um encadeado de fatos, e sim “o campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência”, ou seja, sua “compreensão narrativa da experiência”, o modo “de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras.” (Delory-Momberger, 2012, p. 525). Para esse movimento, a autora criou os neologismos “biografar(-se)” e “biografização”, visando enfatizar a natureza dinâmica e contínua da atividade biográfica, bem como as operações cognitivas, comportamentais e linguísticas pelas quais o sujeito recria a sua experiência e as suas ações, utilizando estruturas temporais que são orientadas e consecutivas, ao longo do tempo.

Em relação aos tipos de dados que podem ser utilizados nas pesquisas com histórias de vida, Cecília Galvão (2005, p. 329) cita: “[...] desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto” (Galvão, 2005, p. 329). O que irá determinar qual a melhor fonte de pesquisa será o objeto de investigação e o objetivo final da pesquisa, assim como a disponibilidade de acesso aos sujeitos ou ao locus de investigação.

A autora cita ainda outras fontes que podem ser utilizadas em pesquisas com histórias de vida:

[...] notas de campo e experiência partilhada, diários, jornais, entrevistas transcritas, observações diretas escritas, histórias contadas, cartas, autobiografias escritas, documentos – como plantas de aula, planificações e regras escritas –, princípios, figuras, metáforas (Galvão, 2005, p. 331).

Assim, notamos que uma pesquisa biográfica não precisa ser realizada, exclusivamente, por meio de entrevistas diretas com os sujeitos. Há outros meios que podem ser utilizados, sobretudo nas pesquisas historiográficas, como cartas, diários e até mesmo entrevistas já existentes e divulgadas em outros meios.

Este é um dos pontos da pesquisa biográfica, quem vai falar o que deve estar no diário, o que deve estar na fala durante uma entrevista narrativa, nas histórias de vida, é o próprio sujeito, ele é que determinará o que foi relevante e importante, o que marcou o mesmo, permitindo ao pesquisador trabalhar com o que está sendo dito, pois foi marcante, e com o que

não está sendo dito, mostrando que os “temas” que não apareceram não foram relevantes para aquele(s) sujeito(s).

Nas pesquisas que lidam diretamente com os sujeitos, há cuidados éticos que precisam ser considerados, pois, conforme Galvão (2005, p. 330), “[...] como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa.” Isso implica ao pesquisador compreender, de forma bastante responsável, que essa “intrusão” precisa ser autorizada pelo sujeito, que deve ter sido, anteriormente, informado dos objetivos da pesquisa, de como os dados serão tratados e divulgados, dos direitos que possui (inclusive de desistir da entrevista, a qualquer momento), entre outros.

Uma prática que os pesquisadores do Gepenaf possuem, nesse sentido, além de as pesquisas só iniciarem após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), é enviar para os entrevistados a transcrição de suas falas, para que possam analisar se querem modificar, acrescentar ou mesmo excluir algum trecho. Só depois da autorização final dos entrevistados é que as entrevistas são utilizadas como dados nas pesquisas.

Como exemplo dessa prática, reproduzimos uma tabela produzida pela pesquisadora do Gepenaf, egressa do Mestrado e atualmente doutoranda, Weverlin Ferreira Brizola, em que informa aos leitores as datas e locais das entrevistas, as datas em que foram enviadas para as entrevistadas e quando as recebeu de volta, com autorização para uso:

**Tabela 1 – Período da produção de dados: entrevistas narrativas**

| Entrevistada | Realização da entrevista | Local               | Envio da transcrição | Retorno e aprovação |
|--------------|--------------------------|---------------------|----------------------|---------------------|
| Dalila       | 24/07/2023               | Residência familiar | 29/07/2023           | 23/08/2023          |
| Marlana      | 24/07/2023               | <i>Google Meet</i>  | 29/07/2023           | 29/07/2023          |
| Alice        | 25/07/2023               | Cafeteria           | 29/07/2023           | 01/08/2023          |
| Ana          | 27/07/2023               | <i>Google Meet</i>  | 17/08/2023           | 17/08/2023          |
| Laura        | 09/08/2023               | <i>Google Meet</i>  | 17/08/2023           | 27/08/2023          |

Fonte: Brizola (2024, p. 23).

Outro cuidado que o pesquisador precisa ter é o de não generalizar as conclusões de suas análises. Como trabalhamos com as percepções que os sujeitos têm sobre determinado objeto que estamos investigando, generalizar aquela percepção, como se fosse um consenso ou uma “verdade” que reflete o que pensam as pessoas que possuem uma trajetória similar (como no caso de licenciandos em Matemática que já possuem uma primeira graduação), como adverte Galvão (2005, p. 331), é sempre “problemático”, pois, “[...] não podem ser considerados gerais fatos que dizem respeito a contextos muito particulares”. Dessa forma, a autora sugere que a análise dos dados produzidos precisa sempre “[...] ser contextualizada, analisada sob diferentes perspectivas” (Galvão, 2005, p. 331).

Por fim, no que se refere à produção e análise dos dados, considerando a relação assimétrica que pode existir entre entrevistador e entrevistado, um cuidado adicional que o pesquisador precisa ter é o de construir uma relação de confiança e respeito com os entrevistados.

Os sujeitos participantes da pesquisa não podem se sentir “julgados”, “analisados”, sob o risco de produzirem respostas ou narrarem os fatos de uma forma “mascarada”, buscando dizer aquilo que acham que “o pesquisador quer ouvir” ou dar respostas que julguem ser

“politicamente correta” ou que não irá deixá-los em uma situação desconfortável por expor suas inseguranças, medos, ou até desconhecimentos de algo que considerem que seria “vergonhoso” um profissional ou acadêmico não saber.

Ao construir essa relação de respeito e confiança, maximiza-se as chances de obter relatos que traduzam, da maneira mais próxima possível, como o narrador “[...] compreende essa trajetória e quais os referenciais de interpretação que lhe permitiram perceber, analisar e compreender o momento de transformação que relata” (Galvão, 2005, p. 331).

Conseguir relatos sobre o processo de formação daquele profissional, o seu “momento de transformação”, como mencionado por Cecília Galvão, pode se converter em dados significativos de pesquisa, que podem contribuir para a compreensão do objeto ou do fenômeno educacional que está sendo pesquisado.

### **Considerações Finais**

A partir desse breve estudo, apontamos que a pesquisa biográfica em educação trabalha com a subjetividade dos sujeitos, a temporalidade dos fatos, em relatos escritos ou falados das vivências dos pesquisados. É uma forma de se fazer pesquisa em que o pesquisado é aquele que fornece os dados e o pesquisador - muitas vezes também sujeito da própria pesquisa - se torna o ouvinte / leitor, que recebe esses dados, analisa e então gera conclusões de acordo com o que for marcante ou não para os sujeitos.

Dessa forma, este tipo de pesquisa mostra-se como uma escolha que pode contribuir para compreender as motivações, anseios, expectativas ou possíveis decepções com a escolha da primeira graduação que levaram estudantes da licenciatura em matemática a buscarem uma segunda graduação.

Esperamos que, após acessar suas histórias de vida, na continuidade desta pesquisa que está em sua fase inicial, seja possível nos aproximar das seguintes questões: por que esses bacharéis optaram pela carreira do magistério, após já possuírem uma outra profissão sem nenhuma ligação com a Educação? E, dentro da carreira do magistério, por que a área da Matemática, uma especialidade que tem tido pouca atratividade - exatos 0,86%, conforme pesquisa de Marques (2018) - entre os concluintes do ensino médio de Mato Grosso do Sul? Qual atrativo viram na profissão docente? O que os afastou da primeira profissão escolhida? Quais suas perspectivas em relação ao curso de licenciatura em matemática? Que lembranças possuem de seus professores de matemática, e como isso influencia a identidade profissional que desejam construir?

Enfim, essas questões são algumas possibilidades de dados que as histórias de vida podem nos propiciar para posterior análise. Dizemos “possibilidades” porque, quando se trabalha com entrevistas narrativas (Schütze, 2011), que é a técnica que pretendemos utilizar, não se realiza a entrevista a partir de um roteiro e com categorias já formadas a priori. Antes, é a própria história de vida narrada pelos sujeitos, a partir de uma pergunta motivadora inicial, que fornecerão as unidades temáticas de análise que serão mobilizadas pelo pesquisador.

Dessa forma, pode ser que surjam, nas entrevistas, outras questões que, nesse momento, não são visualizadas pelo pesquisador, até porque os primeiros movimentos interpretativos que fazemos na pesquisa partem das nossas próprias histórias de vida e experiências. É a partir do contato com os sujeitos e com o arcabouço teórico que servirá de base para a análise dos dados que essa visão inicial do pesquisador irá se expandir, assim como também podem se expandir as concepções e análises interpretativas dos sujeitos entrevistados em relação a sua própria história de vida e às suas escolhas durante sua trajetória formativa.

Nesse sentido, podemos considerar a potencialidade da pesquisa biográfica para o estudo do objeto em questão, assim como para a investigação de outros objetos que estejam voltados à compreensão das relações educativas, em espaços escolares ou não escolares.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998c. p. 183-191.
- BRIZOLA, Weverlin Ferreira. **Os estágios obrigatórios de um curso de pedagogia e a constituição da práxis pedagógica de professores iniciantes: possíveis relações**. 2024. 105p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523–536, set. 2012.
- GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 11, p. 327-345, 2005.
- MARQUES, Nelagley. **Quem quer ser professor?** Campo Grande: SED/MS, 2018. (Série: Estudos sobre a atratividade da carreira docente, v.1). Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/Livro-Quem-Quer-Ser-Professor-SED-MS.pdf>. Acesso em 28 jun. 2025.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: Da “ilusão” à “conversão” autobiografia. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n.41, p. 223-235, jan./jun. 2014.
- PIATTI, Célia Beatriz. Psicologia Histórico-Cultural: Apontamentos Teóricos. *In*: Rossi, Rafael. **Clássicos metodológicos para a pesquisa em educação**. Campo Grande/MS Editora Telos Educativa, 2024.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e pesquisa**, v. 32, n. 02, p. 329-343, 2006.
- SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222.
- SOUSA, Sandra Novais. **Professores iniciantes egressos do Pibid da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: habitus e capital cultural em movimento**. 2018. 261f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.